

ESTRATIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA , AMPLIAÇÃO SEMÂNTICA E
POLISSEMIA EM HEBRAICO
LINGUISTIC ESTRATIFICATION, SEMANTIC EXPANSION AND
POLYSEMY IN THE HEBREW LANGUAGE

Anna Cecília de Paula Cruz¹

RESUMO

Nossa proposta, neste trabalho, é analisar a relação entre os vários períodos de estratificação lingüística sofrida pela língua hebraica e a ampliação lexical por ampliação semântica. Defendemos que os diferentes períodos de exílio sofridos pelos judeus durante sua história são responsáveis em grande parte pela carga polissêmica de suas palavras no hebraico moderno. Assim, discutimos polissemia e metáfora na raiz hebraica ^צ^ר^א (*tsv"á*) que, isoladamente, pode ser traduzida como 'cor'. Baseamo-nos em alguns conceitos da semântica cognitiva e da sociolingüística. A partir deles, discutimos o papel da metáfora na ampliação lexical e sua relação com a polissemia na língua hebraica.

Palavras-chave: ampliação semântica, polissemia, metáfora, língua hebraica

ABSTRACT

This work analyses the relationship between the several periods of the linguistic stratification of Hebrew language and the lexical amplification by semantic amplification. The different periods of the Jewish exile have partial responsibility in the current polysemy in Modern Hebrew. Then we discuss polysemy and metaphor in the ^צ^ר^א (*tsv"á*) root (this means 'color'). The analysis is based on concepts of cognitive semantics and sociolinguistics. We discuss the metaphor's role in the semantic expansion and the relationship between it and the polysemy in the Hebrew language.

Keywords: semantic amplification, polysemy, metaphor, Hebrew Language.

"O vocabulário de uma língua oferece uma imagem fidedigna do povo que a fala. As condições de vida, passadas e presentes, o ambiente geográfico, suas atividades e empreendimentos, suas relações com os vizinhos, sua cultura e sua civilização, suas idéias e sua história, tudo isso se reflete no espelho das palavras de uma língua."
KUTSCHER, E. Y

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Estudos Árabes do DLO-FFLCH-USP.
annacruz@usp.br

Uma das afirmações mais comuns de estudiosos sobre a língua hebraica diz respeito à idéia de que ela é uma língua altamente polissêmica. De acordo com David Tene, por exemplo,

“a renovação do conjunto de raízes é uma das principais características do hebraico israelense no que concerne à estrutura de suas palavras. Isto se realizou de duas maneiras: polissemização das raízes hebraicas herdadas; extração de novas raízes da parte consonantal dos significados dos substantivos, advérbios e mesmo de nomes compostos. Na raiz do primeiro destes processos encontramos os antepassados dos restauradores do Hebraico. Essa geração forneceu muitas raízes polissêmicas de maneira que hoje dificilmente se encontrará uma raiz monossêmica no hebraico. (1970, p. 85)”

Mas por quê? Por que o hebraico se desatacaria entre outras línguas em relação à polissemia? Alguns lingüistas dizem que isso é comum em línguas que apresentam uma estrutura sintática e morfológica mais concisa. Há teorias que afirmam que este alto grau de polissemia encontrado em grande parte do léxico hebraico se justifica pela cultura literária do povo. A forte relação com a Bíblia e com o hebraico bíblico geraria uma constante renovação e ampliação de sentidos para raízes já existentes. A própria estrutura gramatical de raízes tri-consonantais influenciaria a existência de vários significados para uma mesma forma lexical. No entanto, de acordo com Langer (1998) e em seu curso de pós-graduação (USP) sobre estratos da língua hebraica, a explicação para este fenômeno lingüístico pode ser atribuída, pelo menos em parte, à estratificação da língua, às influências culturais e lingüísticas sofridas pelos judeus no decorrer de sua história.

A Língua hebraica é a língua do povo judeu desde 1200 a.C., mas nem sempre ela teve status de primeira língua ou língua materna. Durante 1700 anos, o hebraico ficou praticamente reduzido à leitura, escrita e uso em contextos litúrgicos.

Segundo AGNON (1970), desde a Conquista de Canaã, após o Êxodo do Egito, até 134 d.C., a língua hebraica foi a língua do povo judeu. Mas a partir de 134 d.C., seu uso foi interrompido pela dispersão do povo Judeu. A Bíblia sempre foi um elo entre os judeus. Durante os anos em que a língua esteve no exílio, assim como o povo judeu, ela não pôde ter uma existência plena e um desenvolvimento normal como toda língua viva, embora tenha continuado a ser a língua em que se orava e na qual a bíblia era lida nos cerimoniais públicos.

Assim, os deveres religiosos fizeram com que a maioria dos judeus soubesse ler e escrever hebraico. Porém, os judeus dispersos pelo globo começaram a falar a língua do país onde residiam, de modo que o hebraico ficou, por muito tempo, restrito à linguagem culta da escrita e da ação religiosa, exceto por algumas pessoas que ainda guardavam o hábito de falá-lo também no âmbito familiar.

De acordo com LANGER (1998) os judeus que viviam na Babilônia falavam aramaico, aqueles que viviam no Egito falavam grego, e aqueles que

viviam nas regiões da Palestina falavam aramaico e grego. Apesar de optarem pela língua corrente do lugar para onde foram, os judeus mantinham sua identidade judaica através da sua tradição cultural e religiosa. Durante a Segunda guerra mundial, os judeus se espalharam ainda mais pelo globo: Espanha, França, Brasil, EUA. E desta forma, as línguas destes países passaram a fazer parte do cotidiano daqueles imigrantes. Cada grupo mantinha sua relação de diglossia ou poliglossia, de acordo com Ferguson (1964) com o Hebraico e as línguas dos países nos quais haviam se refugiado.

Muitos judeus liam e escreviam em hebraico, em vários casos nem sendo alfabetizados na língua em que comumente se comunicavam, mas apenas em hebraico. Como resultado disso, há uma vasta literatura nesta língua, comentários sobre as leis e sobre os textos bíblicos, textos literários, cartas, jornais e traduções de textos filosóficos e científicos que circulavam entre os judeus mesmo nos períodos de diáspora.

Essa vasta literatura, principalmente a literatura talmúdica também instaura novas formas de estratificação lingüística, não apenas aquela criada pelas particularidades da língua de cada grupo de falantes em países diferentes, mas a estratificação entre a língua falada, a língua dos textos bíblicos e a língua escrita, a língua dos 'intelectuais'.

Com o tempo, o hebraico usado pelos rabinos e tradutores (com termos ainda restritos à tradição bíblica e talmúdica) já não comportava certas necessidades comunicativas, afinal, o mundo estava mudando, novas coisas e idéias estavam surgindo e a língua hebraica, reduzida, de certo modo, ao contexto religioso, precisava se adaptar a todas essas novidades. Logo, os tradutores e escritores iam ampliando, na medida de suas necessidades, o léxico e a gramática da língua.

POLISSEMIA – UMA QUESTÃO TAMBÉM CULTURAL?

As teorias clássicas de significado vêem a polissemia como uma solução para a questão de múltiplos significados representados por uma única palavra. No entanto, muitas delas acreditam que não há relação entre estes significados, ou que são completamente distintos, ou nem mesmo se preocupam com a relação entre eles. Baseando-nos nos textos de Lakoff (1987) e Fillmore (1982), defendemos que há sim uma relação entre os sentidos atribuídos a uma mesma forma gráfica ou fonética, uma relação metafórica que amplia um sentido básico para outros mais abstratos.

Lakoff (1987) discute polissemia como uma questão de prototipicalidade na categorização: a idéia de que significados relativos a palavras formam categorias e que os significados suportam semelhanças familiares de um para outro. Assim, há sentidos mais básicos (prototípicos) e sentidos menos prototípicos. Lakoff (1987, p. 417) diz que “some sense of word may be more representative than other senses”.

Em seu estudo de caso sobre a preposição do inglês “over”, Lakoff discute a diferença entre polissemia e homonímia. A homonímia (ou instâncias de homonímia como chama cada significado) seria quando uma palavra apresenta dois significados não relacionados, como manga (da camisa) e manga (fruta). Ele dá como exemplo a palavra *bank*, em inglês, que pode

significar tanto o lugar onde depositamos nosso dinheiro, quanto a margem de um rio. Já a polissemia seria caracterizada pela multiplicidade de sentidos atribuídos a uma mesma palavra, mas desta vez haveria uma relação entre estes; como: “abrir a porta para a visita” e “abrir o coração para as coisas boas da vida”.

Seguindo a distinção acima, na homonímia, teríamos palavras diferentes com coincidência de grafia ou fonética e, na polissemia, teríamos uma mesma palavra que apresentaria significados distintos, mas relacionados entre si. Na polissemia, haveria então um sentido básico e outros sentidos ‘derivados’, apresentando graus de representatividade em relação àquele.

Ann Copestake e Ted Briscoe (1996) apresentam uma solução diferente para a distinção entre polissemia e homonímia. De acordo com estes autores a polissemia pode ser dividida em dois tipos: sistemática e convencional. A polissemia sistemática ou extensão de sentido envolve mudanças gramaticais sutis, tais como vários tipos de metonímia nominais que são freqüentemente explicadas em termos de processos de transferência ou mapeamento conceitual e tratadas como fenômenos pragmáticos. Por exemplo, tratar um nome contável como não contável (‘processo de massificação’- grinding). Esse tipo de polissemia pode ser ainda subdividido em: construcional e extensão de sentido. A primeira diz respeito a mudanças de sentido contextuais que não têm notação nos dicionários. A segunda é ainda mais ampla, pois pode ter mais de um sentido especificado, pode ser usada para relatar sentidos convencionalizados ou novos sentidos, assim como diferentes papéis lexicais.

A polissemia convencional diz respeito àqueles significados já convencionalizados pelo uso diário da linguagem, de tal modo que já constam nos dicionários. Assim, a palavra. Este tipo de polissemia tem relação com a representação lingüística de um dado conceito, pautada pela convenção lingüística. Como boca, por exemplo: 1- cavidade da cabeça por onde os animais e homens comem. 2- contorno dos lábios 3- abertura, entrada, início.

Esta divisão feita pelos autores ajuda a compreender porque certos sentidos de uma mesma palavra não são percebidos como extensão de sentido por meio de metonímias ou metáforas, afinal geralmente estes são sentidos já convencionalizados pelos falantes. Por outro lado, a polissemia sistemática pode ser tão sutil que os falantes nem a percebem como polissemia, acreditando usarem o sentido corrente da palavra, quando, na verdade, instauram um novo sentido/uso da palavra. É o que acontece com a raiz hebraica ^{צַרְצַר}. A forma nominal tem notação mais recorrente como ‘cor’, mas pode ser encontrada em vários textos como sinônimo de tinta, ou outra matéria prima que imprima cor, ou simplesmente que seja usada num processo parecido com o de pintar; como veremos nos exemplos do item seguinte. Esta raiz pode referir-se a massa, ‘tinta’ seladora, etc. Assim como a forma verbal pode referir-se a pintar, colorir, tingir, mergulhar e até desenhar.

Para Fillmore (1982, p.124), “for many instances of polysemy it is possible to say that a given lexical item properly fits either of two different cognitive frames. One possibility is that a word has a general use in the everyday language but has been given a separate use in technical language.”

Lakoff parece diferenciar-se de Fillmore, uma vez que tenta aproximar, relacionar as instâncias de polissemia como desdobramentos de um sentido

mais básico. Podemos perceber a diferença entre a visão de Lakoff e Fillmore também no modo como o conceito de Frame (de Fillmore) é ampliado no conceito de Modelo cognitivo idealizado (ICM), apresentado por Lakoff.

Enquanto o conceito de frame visto em Fillmore diz respeito a uma estrutura de conceitos, palavras, ou termos que, juntos, funcionam como um sistema que impõe estrutura ou coerência a alguns aspectos da experiência humana, basicamente sua idéia de frame está atrelada à estrutura proposicional (lingüística e semântica); a proposta de ICM de Lakoff vai além, englobando em sua idéia de estrutura conceitual, não apenas a estrutura proposicional e esquema de imagens, como também mapas metafóricos e metonímicos. Deste modo, embora apresentem diferenças, estamos usando o conceito de frame, considerando-o nos termos de ICM de Lakoff, uma vez que o conceito deste último, pode ser entendido como um frame maior e ainda mais abstrato que aquele apresentado por Fillmore. Justificamos nossa posição, neste sentido, pelo fato de Lakoff basear-se em Fillmore para formular sua proposta de ICM e apenas acrescentar-lhe elementos que ampliaram o conceito deste último, mas que não negam as idéias básicas que ele representa.

De acordo com Lakoff (1987), as instâncias de polissemia de uma mesma palavra podem corresponder a um mesmo ICM. Diferentemente, do que vimos anteriormente, nas idéias de Fillmore, de que instâncias de polissemia podem implicar em frames diferentes. No lugar de ICMs diferentes, temos um mesmo ICM que funciona/opera em domínios diferentes. Um exemplo de como a polissemia pode ser baseada em um único ICM que se desloca para outros domínios é a palavra פִּיטָא (tsv"á), que pode ser considerada homonímia por representar o substantivo cor ou o verbo colorir na terceira pessoa do aspecto perfeito (ou nosso pretérito²); ou polissemia porque não há verbos correspondentes a pintar e tingir em hebraico, assim, um único verbo em hebraico pode ser traduzido e significar como colorir, pintar e tingir.

A raiz פִּיטָא (tsv"á) tem sua referência mais antiga com o sentido de 'mergulhar', de acordo com Rashi, (*apud* ADMON, 2006), por causa do processo de coloração, na antiguidade, que, basicamente, se dava por meio do mergulho de um objeto, geralmente tecido, em um recipiente com tinta ou outra matéria prima (líquida) que lhe imprimia a cor. Atualmente, este mesmo radical pode indicar *pintar*, *tingir* e *colorir*. Para nós, há distinção entre estas três ações, embora todas elas impliquem em "dar cor"; no entanto, em hebraico, se há esta distinção, ela é feita apenas pelo contexto. Nós jamais diríamos: estou tingindo um desenho, mas sim colorindo um desenho. O quadro foi pintado por Picasso e jamais: tingido ou colorido por Picasso. Os ICMs (modelos cognitivos idealizados) de cada uma destas ações são diferentes, mas guardam em si algo em comum. Algo mais básico. Se em hebraico uma única palavra pode indicar três ações distintas (pintar, colorir e tingir), como saber se devo

² Cabe lembrar que em hebraico não há a noção de tempo como nas línguas ocidentais. Há, sim, a noção de aspecto que muitos gramáticos tentam relacionar à noção de tempo para facilitar o ensino da língua. Assim, só há o aspecto imperfeito para as ações, eventos e estados que ainda não foram realizados (ou inacabados) (o nosso futuro, e também alguns tempos do subjuntivo) e o perfeito, para as ações ou eventos que já foram realizadas. (o nosso pretérito perfeito).

considerar cada um de seus sentidos, instâncias de homonímia ou instâncias de polissemia? Afinal, se uma cultura tem três verbos diferentes para a ação básica de “dar cor”, isso não acontece por acaso. Mas se outra cultura tem apenas uma forma para as três, devemos considerá-la polissêmica? Além disso, o ICM pelo qual a raiz hebraica ^{פ 13} (tsva’) é definida seria diferente dos ICMs evocados pelos verbos em português pintar, tingir e colorir, ou englobaria tudo o que compõe cada um deles?

O ICM de “pintar”, por exemplo, engloba instrumentos específicos: pincel, tinta, uma base de tipo específico, um profissional específico que determinaria a diferença entre arte, acabamento de construção etc. Conhecimentos gramaticais relativos à palavra, a experiências específicas, situações e relações específicas, etc. Assim, pintamos quadros, paredes, vasos (objetos), as unhas, o cabelo, o rosto. Mas não colorimos nenhum desses itens. Parece haver uma outra estrutura que defina esta ação, outro tipo de objeto, relação com outro tipo de palavras, formação de outro tipo de sentenças, outras situações e conceitos definem e estruturam ‘colorir’. Embora tenham elementos comuns. Vejamos:

Quando eu era criança, adorava quando a professora nos pedia para colorir algo.

Quando eu era criança, adorava quando a professora nos pedia para pintar algo.

Quando eu era criança, adorava quando a professora nos pedia para tingir algo.

A experiência escolar envolve colorir e pintar, mas tingir já não parece comum.

Assim, se em português temos diferentes palavras para designar ações que envolvem ICMs diferentes, como em Hebraico trataremos os sentidos de ^{פ 13} (tsv“a), como instâncias de polissemia?

Por que em hebraico todas estas distinções presentes em pintar, tingir e colorir fazem parte de um mesmo ICM. Como isso é possível? Por que de acordo com Lakoff (1987), categorizamos de forma diferente. Desta forma, temos um mesmo ICM para ^{פ 13} (tsva’), mas ele funciona em diferentes domínios.

Um dos motivos para a riqueza de sentidos atribuídos a uma mesma palavra tem origem na história da língua hebraica, mais ainda em seu ressurgimento. De acordo com David Tene (1970),

“ Aqueles que tomaram parte na cunhagem das inovações consideravam o seu trabalho um meio de preencher o abismo entre o vocabulário clássico hebraico e as necessidades da vida contemporânea. O que, porém, realmente aconteceu no processo de restauração da língua pode ser linguisticamente descrito da seguinte maneira: os imigrantes trouxeram consigo um patrimônio de conteúdo de suas línguas de origem. Estes ‘conteúdos’ léxicos se armazenaram na sua aptidão em falar estas línguas, como significados que mantinham uma relação de solidariedade com os significantes; por exemplo, o conteúdo “livro” mantém uma relação de solidariedade com a expressão book. Quando do restauradores começaram a renovar a língua, não pretendiam – e, mesmo que pretendessem, não poderiam –

fugir à herança de suas línguas de origem. Por isto – aproveitaram os conteúdos de que já dispunham e não tentaram classificar nem descrever novamente as coisas. Assim foi que cada um deles veia a se tornar ponto de identificação interlingüístico dos conteúdos das palavras hebraicas.” (p.79-80)

Assim, temos uma série de conceitos emprestados de outras línguas e culturas que foram ‘encaixados’ na estrutura já existente da língua hebraica. No entanto, essa ‘mistura’ pode ser considerada uma espécie de blending, uma vez uma série de conceitos de outras línguas são acrescentados às palavras hebraicas – mas como sabemos, ao acrescentar uma novo sentido/significado a uma palavra não anulamos os sentidos que já lhes eram próprios, ao contrário, estes sentidos trabalharão paralelamente e muitas vezes se complementarão. Neste caso, a compreensão de determinada palavra, num determinado contexto, evocando determinado sentido, cria a necessidade de uma relação entre espaços mentais ou ICMs diferentes, gerando assim um blending. É o que ocorre quando a palavra “cor” em hebraico pode ser compreendida como “tinta”, há uma ‘mistura’ entre o ICM de cor e o ICM de ‘tinta’ que na verdade é a matéria prima responsável pela ‘cor’.

Além desse empréstimo lingüístico de conteúdos de que fala Tene há uma série de fenômenos de outras naturezas e que são fundamentais para compreender a estrutura do hebraico moderno. No entanto, neste curto trabalho não poderemos esgotar todos estes aspectos que foram de certo modo, contemplados pelo curso “Os vários períodos de estratificação da língua hebraica”. Afinal, cada um dos estratos da língua (bíblico, mishnaico, rabínico, moderno etc.) teve suas influências e seus próprios padrões de ampliação, mas todos eles, de um modo ou outro, contribuíram com extensões semânticas que tiveram como base um processo metafórico, gerando a polissemia que hoje caracteriza de modo tão particular a língua hebraica.

BREVE ANÁLISE DA RAIZ ^{רָחַם}

A raiz ^{רָחַם} tem pouca ocorrência no texto bíblico, e quando aparece, aparece como adjetivo, na forma plural, uma única vez no singular. Em Juízes 5:30:

Exemplo 01

(Juízes 5:30)

הלא ימצאו יחלקו שלל רחם רחמתיים
לראש נכר שלל צבתיים לסיפורא שלל צבתיים רחמה צבע
רחמתיים לצוארי שלל

Porventura não achariam e repartiriam despojos? Uma ou duas moças a cada homem? Para Sisera despojos de estofos coloridos, despojos de estofos coloridos bordados; de estofos coloridos bordados de ambos os lados como despojo para os pescoços.

No hebraico moderno temos a mesma raiz usada como verbo em diferentes formas e padrões verbais, com algumas alterações morfológicas que lhe acrescentam informações gramaticais, mas que não mudam a essência do significado, deixando clara a idéia da extensão.

Exemplo 2

חברת וולה מודה לך שבחרת בקרם הצביעה המעודן לצביעת שיער.

A Amiga wella agradece a você que escolheu o refinado Creme de coloração (creme color) para pintar seu cabelo.

Exemplo 3

מיתוס הצבע השחור ומשמעותם של הצבעים בציורי ילדים

O mito da cor preta e os sentidos/significados das cores nos desenhos das crianças

Exemplo 4

כשילד מצייר רק בשחור זה לא אומר בהכרח שהוא מדוכא, לפעמים הוא פשוט אוהב את - הצבע בגלל שהוא "הכי חזק מכל הצבעים",

Quando a criança desenha só em preto isto não diz necessariamente que ela é/está depressiva, às vezes ela simplesmente gosta da cor porque ela é "a mais forte de todas as cores",

Exemplo 5

צביעה של שכבת צבע יסוד מקשר (לא חובה).
צביעה המסגרות של החדר בעזרת מברשת או פד זווית.

*Passar (pintar - pintura) uma camada de tinta seladora (não é obrigatório);
Pintar (pintura) as esquadrias do quarto com ajuda de um pincel ou rolo para cantos.*

Exemplo 6

נצבע שכבת צבע יסוד המקשר לתשתית בעיקר על האזורים אותם מילאנו בשכבת טיח. שכבת היסוד היא למעשה שכבת דבק נוזלי שעוזרת לצבע להדבק למשטח
Pinte (Passe) uma camada de tinta seladora na parede limpa principalmente sobre aquelas regiões preenchidas com espátula e reboco.

Exemplo 7

עלינו למרוח שכבת יסוד גם במידה ואנו צובעים צבע אקרילי על גבי שכבת סייד.
Devemos passar uma camada de base também na medida em que pintamos com tinta acrílica sobre uma camada de cal.

Nos exemplos acima temos a mesma raiz usada como adjetivo, verbo e substantivo. Nestes, vemos a raiz usada com o sentido de cor nos exemplos de 04 a 07. Geralmente com ocorrência nas formas singular e plural em cada exemplo. A forma adjetiva, geralmente no plural, aparece no exemplo bíblico (01), e no exemplo 05. Curiosamente há uma forma nominal de base verbal

nos exemplos de 07 a 10. Por fim, encontramos a mesma raiz com o sentido de tinta, em 07, 08 e 09.

Assim como em Rashi temos a relação da ação de imprimir cor com um tipo de processo específico usado na antiguidade para tingir tecido (mergulhar – colorir), temos uma relação metonímica entre o material que imprime cor e a cor em si, na forma substantiva (cor – tinta), exemplo 07. Esse tipo de relação metonímica é muito produtiva no processo de ampliação semântica. Além disso, parece haver uma metáfora conceitual do tipo: ‘ cor é matéria’ (prima ou de outro tipo, ou ‘cor é força física’) que possibilita extensões do tipo visto em 06 e 05. Essas metáforas conceituais se relacionam com a teoria de espaços mentais e ICMs. Ou seja, falamos de uma coisa em termos de outra, ou simplesmente mesclamos espaços conceituais e mentais diferentes.

No dicionário de E’ven Shoshan (2003, p. 591), temos a seguinte descrição para a raiz עבצ³: na literatura talmúdica e no midrash⁴ a raiz verbal é manchar, untar com cor (*pa”al*⁵); no *nif”al* é ser untado, ungido, pintado com (cor, matiz, nuance, tom); o *pi”el* é usado na literatura moderna; no *pu”al* (ser pintado, ungido, untado, manchado com cor) é usado na literatura rabínica. Esta o usa também no *hitpa”el* (reflexivo), pintar-se, assim como o moderno. Na literatura rabínica: (pintar seus lábios, cabelo, bochechas, faces).

1- dar cor, dar-se cor, colocar cor sobre algo (si)

2- Literatura moderna - receber, tomar, pegar cor (matiz definido)

Percebemos, pela descrição de Shoshan, que a variabilidade de uso dos padrões, tem estreita relação com alguns estratos específicos da língua. O *hitpa”el*, por exemplo, é usado apenas na literatura moderna e na rabínica, enquanto o *pa”al* parece uma forma presente na literatura talmúdica e no *midrash*. Um estudo mais apurado poderia mostrar a diferença de significado no uso desta raiz nos diferentes estratos lingüísticos mencionados. Com certeza, a atual polissemia da raiz, tem um percurso histórico que envolve estes diferentes momentos da língua e de seu povo.

A raiz nominal tem como sinônimo uma raiz de base persa (גוי – *gueven* em hebraico e *gon* em persa), que geralmente os dicionários hebraico-português traduzem como matiz, tom. No dicionário de *Even Shoshan* é a primeira definição que aparece para a raiz em questão. Em seguida, temos uma definição mais elaborada algo parecido com a definição dos dicionários de língua portuguesa para o mesmo conceito. Algo básico, relacionada à física: “propriedade dos corpos de absorver ou refletir a luz em maior ou menor grau”. Este conceito básico de cor encontrado nos dicionários é algo moderno, diretamente ligado às descobertas científicas da física. No entanto o uso deste conceito sempre esteve atrelado à substância (matéria prima) que atribuía ou

³ Tradução e adaptação de minha autoria.

⁴ O Midrash (vem de interpretação, leitura, comentário) que compreende textos, muitos deles narrativos, que comentam determinadas passagens bíblicas. Assim, o próprio Midrash pode ser considerado literatura talmúdica.

⁵ Em hebraico, algumas informações verbais tais como voz e noções de causa e alguns aspectos verbais como iteratividade e factividade são dadas por construções verbais específicas. Assim temos as seguintes construções verbais em Hebraico: *pa”al* que normalmente indica a forma não flexionada do verbo, ou seja, voz ativa, não-iterativa. *pi”el* indica forma factiva, ativa, ou causativa. *nif”al* forma passiva do *pa”al*. *pu”al* forma passiva dos verbos no *pi”el*. *hif”il* geralmente indica voz reflexiva. *hitpa”el* voz passiva do *hif”il*.

modificava a cor dos objetos. Talvez isso explique a cor ser entendida como uma “força” que atrai a atenção das crianças, ou que pode ser forte ou fraca. A cor pode, então, ser entendida não só como uma propriedade física, mas como uma “força física” entre outras coisas. Daí a relação cultural de extensão de cor, para tinta. O uso de desenhar, com sentido de colorir e a relação da ação de ‘mergulhar’ com a raiz צב, como apresenta Rashi (*apud* ADMON, 2006, p.8.).

O significado prototípico da raiz verbal *ts”v* é imprimir, colocar, dar cor. No entanto, podemos encontrar extensões deste significado que especifiquem a forma como a cor é impressa no objeto, coisa.

- 1- Dar cor com pincel, usando tinta,
- 2- Dar com o lápis ou objeto pontiagudo
- 3- Mergulhar o objeto em recipiente com matéria prima que imprime cor.
- 4- Usar o pincel para passar qualquer substância líquida, (por exemplo, tinta seladora, cal etc. que na verdade não imprimirá cor, mas ajudará no processo de pintura.)
- 5- Na literatura rabínica é usado na voz reflexiva - pintar-se; e em hebraico moderno com o sentido de maquiar-se.

Como vimos nos exemplos, no texto bíblico, aparece apenas a raiz usada como nome e não como verbo. As notações de Even Shoshan relacionadas ao verbo dizem respeito a exemplos de uso deste verbo no Talmud, no Midrash, na literatura rabínica e moderna. Além disso, podemos também notar que há diferentes usos da raiz nos diferentes padrões de construção nominal (*pa’al*, *pi’el*, *hitpa’el*, *hif’il* etc.). Percebemos, pela descrição de Shoshan, que a variabilidade de uso dos padrões, tem estreita relação com alguns estratos específicos da língua logo, também tem relação com a ampliação semântica ocorrida em cada período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho logrou mostrar algumas como um estudo dos vários períodos de estratificação da língua hebraica podem ajudar na compreensão do processo de ampliação semântica e da polissemia como resultado desta. Nossa tentativa foi mostrar a estreita relação entre os diferentes tipos de polissemia, a ampliação semântica e a perspectiva da lingüística cognitiva de metáfora conceitual.

Defendemos que a ampliação semântica se dá por meio de um processo metafórico que implica na sobreposição de dois espaços mentais distintos (ou de ICMs diferentes), sendo um mais básico, concreto e outro mais abstrato. Como consequência de vários processos de extensão, sofridos por uma palavra, temos a polissemia.

Marca, porém, desta polissemização da língua hebraica é a estratificação da língua, que junto com os vários períodos de exílio do povo, sofreu influências de outras línguas e culturas. Além dessas influências externas, também sofreu influências ideológicas e políticas das várias vertentes internas de pensamento e da literatura judaicas. Tanto no que se refere à fidelidade à língua considerada sagrada, quanto à necessidade de

modernização da língua; seu ressurgimento, a linguagem das correntes filosóficas e literárias.

Por fim, acreditamos ter, com os modestos exemplos apresentados, mostrado que há vários tipos de polissemia; alguns que de tão sutis, passam despercebidos pelo leitor. Mas como destacamos já na introdução, o estudo do significado envolve mais aspectos que os puramente lingüísticos. Deste modo, uma abordagem realmente abrangente do significado só é possível quando consideramos aspectos históricos, culturais, cognitivos, pragmáticos e sociais de uma língua e de seu vocabulário.

BIBLIOGRAFIA

ADMON, Bruria. Colors in the language of Rashi. In: *Hebrew linguistics – a journal for hebrew descriptive, computational and applied linguistics*. February, 2006 – Nº 57. Bar – Ilan University Press. Ramat-Gan. p.7-22.

BEREZIN, Rifka. *As origens históricas do vocabulário do Hebraico Moderno*. (Tese de doutorado em literatura e língua hebraica, apresentada ao departamento de Lingüística e letras orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da USP). São Paulo: USP, 1972.

BEREZIN, Rifka. *O Hebraico bíblico no Hebraico moderno: contribuições para o estudo as transformações semânticas do Hebraico Bíblico*. (Tese de Livre docência em literatura e língua hebraica, apresentada ao departamento de Lingüística e letras orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da USP). São Paulo: USP, 1985.

TENE, David. O Hebraico Israelense. In: BERGMANN, Edda. (superv. e colabor.). *Ressurgimento da língua hebraica*. São Paulo: Centro brasileiro de estudos judaicos e FFLCH, 1970.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução: Euclides M. Balanam *et. al.* São Paulo: Paulus, 2002.

COPESTAKE, Anne & BRISCOE, Ted. Semi-productive polysemy and sense extension. In: *Lexical Semantics: The problem of polysemy*. Oxford, New York: 1996. (p. 15-67).

FERGUSON, Charles A. Diglossia – Word. In: HYMES, Dell. *Language in Structure and language use*. Califórnia: Stanford, University Press, 1964. p. 1-26.

FILLMORE, C.J. The need for a frame semantics within linguistics. In: KARLGREN, Hans (ed.). *Statistical methods in linguistics*. Stockholm: Skriptor, 1977. p. 5-29

_____. Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (ed). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 11-37

FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without Diglossia, Diglossia with without Bilingualism. In: *Journal of Social Issues*. v. 23, n.2, 2004, p.29-38.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Ediciones Cátedra S. A., 1995.

_____. The metaphoriacal structure of the human conceptual System. In: *Cognitive Science* . vol.4, 1980. (p 195-208).

LANGER, E. R. Ressurgimento da língua Hebraica e suas implicações culturais. In: *Revista de estudos orientais*. n.2, p. 63-76, São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 1998.

SHOSHAN, E'ven. *Milon: mekhudash ume'udkhan lishnot há'alpaim*. 2003. p. 591